

As mãos femininas na Dialetoologia brasileira

Jacyra Andrade Mota

Situando a Dialetoologia no Brasil e no mundo

A Dialetoologia, como as diversas áreas da Ciência, surgiu por iniciativa masculina. Como observam Chambers e Trudgill (1994 [1980]), a primeira pesquisa dialetológica foi realizada por correspondência por George Wenker, na Alemanha, e o primeiro atlas linguístico — produto importante nessa área —, por Jules Gilliéron, na França, em começo do século XIX, trabalhos a que se seguiram muitos outros, sempre realizados por pesquisadores masculinos.

Não seria diferente entre nós. A autoria do primeiro trabalho de natureza dialetal, que confronta o português do Brasil e o de Portugal, principalmente no nível léxico-semântico, é creditada a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, que o elaborou entre 1824-1825, para figurar no *Atlas linguistique du Globe*, organizado por Adrien Balbi.

No rol dos pesquisadores brasileiros que integraram as primeiras fases da Dialetoologia no Brasil constam apenas nomes masculinos como Antenor Nascentes, Mário Marroquim, Amadeu Amaral, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Heinrich Bunse, Sílvio Elia, Pedro Caruso, Nelson Rossi e outros.

A presença do considerado “sexo frágil” nas Faculdades de Filosofia, onde se abrigavam os cursos de Letras, era, inclusive, lembrada como um empecilho ao desenvolvimento das pesquisas dialetológicas no Brasil, tendo em vista a necessidade de

deslocamentos para a coleta de dados.

É o que está, por exemplo, nas palavras de Antenor Nascentes (1958), em *Bases para a elaboração do Atlas lingüístico do Brasil*, ao reportar-se aos esforços da Comissão encarregada de planejar a realização de um Atlas Linguístico do Brasil (relativo à língua portuguesa), em atendimento à Portaria nº 536, de 26 de maio de 1952:

O Brasil precisa ter o seu atlas que não será mais do que o complemento do de Portugal, em vias de acabamento.

Desempenhando o seu encargo, a Comissão fêz uma tentativa em 1954, contratando o professor Sever Pop para dar um curso sobre o assunto, mas o curso do professor Pop não produziu os resultados esperados.

Houve grande desinteresse por parte do elemento masculino. Só dois estudantes de Faculdade de Filosofia compareceram, sendo o resto do auditório constituído por senhoras e senhoritas. Ora, para as tarefas de colheita de material, as mulheres são menos adequadas do que os homens, porque num país como o nosso teriam dificuldades de locomoção e de alojamento que elas muitas vezes não poderiam vencer. (NASCENTES, 1958, p. 7)

A pesquisa dialetal no Brasil e o protagonismo feminino

Apresentamos, neste texto, apenas um dos aspectos da pesquisa dialetal, aquele dirigido à realização de atlas linguístico, não só pelo interesse que desperta esse tipo de pesquisa, mas também pelo fato de, em geral, reunir maior número de pesquisadores, ao contrário, por exemplo, das monografias, que são realizadas individualmente.

Na primeira parte, focalizamos esse tipo de pesquisa, no século XX, a partir do *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI, 1963) e, na segunda, a Dialetoлогия no Brasil, no século XXI, em que destacamos a maior presença das mulheres, na maioria dos

trabalhos.

A Dialectologia no séc. XX: Do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

A publicação do APFB, em 1963, vai incentivar a realização de outros atlas estaduais e de um atlas regional, assim como de monografias (inclusive para projetos de pós-graduação), contribuindo, desse modo, para o desenvolvimento da área e a formação de uma “mentalidade dialetológica”, de que fala Silva Neto (1957), em seu *Guia para estudos dialectológicos*.

Considera-se que essa fase se encerra, em 1996, com a proposta de elaboração do Atlas linguístico do Brasil, dirigido ao português.

O Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

A declaração de Nelson Rossi, no volume de *Introdução ao Atlas Prévio dos Falares Baianos*, que vem a ser publicado em 1963, marca o início, no Brasil, das pesquisas de natureza dialetológica, com vistas à elaboração de atlas linguístico.

Diz ele: “A história do APFB a rigor remonta a 1955 — ano de nossa chegada à Bahia, já com a pretensão e esperança de fazer Dialectologia” (ROSSI, 1965, p. 13).

Dando prosseguimento ao projeto, Rossi começou a realizar, a partir de 1958, inquéritos-sondagem em áreas baianas, juntamente com grupos de estudantes do último ano dos cursos de Letras, constituídos, quase totalmente, por mulheres, como, em geral, ocorria nesses cursos.

Os resultados da sondagem realizada em Bom Despacho, em 1958, serviram de base para a comunicação *Aspectos do léxico*

regional, apresentada ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que se realizou em Salvador, em 1959.

Em 1959, em atividade de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso, o grupo de formandos — 26 moças e dois rapazes — deslocou-se para Feira de Santana, em ônibus alugado, distribuindo-se por três localidades próximas — São José das Itaporocas, Tanquinho e São Vicente. Cada grupo permaneceu cinco dias na localidade, hospedado em casas de famílias, trabalhando aos pares, sob a orientação de Nelson Rossi, que acompanhava o andamento da pesquisa, deslocando-se entre as três localidades.

Os resultados desses inquéritos serviriam de base para um Extrato de Questionário, utilizado para a pesquisa nas 50 localidades, distribuídas geograficamente pelo Estado da Bahia, que viriam a constituir a rede de pontos do APFB.

Na fase de realização dos inquéritos definitivos, Rossi contou com um grupo de oito jovens recém-formadas¹⁰ do qual se destacam Carlota Ferreira e Dinah Isensee¹¹, que continuaram a desenvolver a pesquisa, em suas fases posteriores, e passaram a figurar como colaboradoras principais do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, como consta das páginas iniciais da obra¹².

Verifica-se, assim, que a realização de atlas linguísticos se iniciou, na Bahia, também sob a liderança masculina, mas, desde o início, as “senhoritas” mostraram-se tão “adequadas” quanto os homens para a pesquisa *in loco*, diferente do que pensava Nascentes.

Essas jovens licenciadas, apesar das grandes dificuldades de

10 Além de Carlota Ferreira e Dinah Isensee, foram inquiridoras: Ana Maria Garcia, Cyva Leite, Edelweiss Nunes, Josefina Barletta, Judith Freitas e Tânia Pedrosa.

11 Carlota da Silveira Ferreira viria a integrar o grupo de professoras de Língua Portuguesa da UFBA, tendo requerido aposentadoria no período Collor (1990-1992), temendo, como um grande grupo de professores universitários, as ameaças feitas pelo Presidente aos funcionários públicos; Dinah Isensee (hoje Dinah Isensee Callou) ingressou na UFRJ, onde, como professora emérita, continua atuando na pós-graduação.

12 Cf. ROSSI, N. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963, p. 4.

locomoção pelo Estado, dispuseram-se a chegar às localidades selecionadas, em grupo de duas, realizando a pesquisa para a constituição do *corpus* do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*.

O primeiro inquérito realizou-se em 31 de outubro de 1960, em Abrantes (ponto nº. 5 do APFB), com a presença de todos os inquiridores, que trabalharam aos pares.

Sobre a ida a Abrantes temos o testemunho de Carlota Ferreira¹³, que relata algumas das dificuldades que tiveram de ser superadas, desde o início. Para essa primeira localidade a ser pesquisada deslocaram-se as jovens professoras e Nelson Rossi, utilizando uma Kombi¹⁴ como meio de transporte. Ao chegarem à ponte sobre o rio Joanes, tiveram a primeira surpresa: a ponte tinha caído! Para superar o obstáculo, atravessaram o rio por um caminho aberto para passagem de pedestres e, do outro lado, seguiram a viagem até Abrantes em um carro-de-boi. Após a realização dos inquéritos, voltaram no mesmo carro de boi para reencontrar a Kombi que ficara esperando por eles.

Em alguns relatos de outras viagens, Carlota Ferreira¹⁵ reporta-se às dificuldades:

- a) Chegamos à pensão em Morpará. A porta do nosso “quarto” estava polvilhada de baratas [...] a hospedeira foi matá-las apertando-as com os dedos. Tínhamos que dormir e comer nessa casa. (Relatório 1 – Brotas de Macaúbas);
- b) Não foi fácil, para nós, chegar até Helvécia [...]. Fomos de Salvador a Nanuque – Estado de Minas Gerais – por via aérea e até alcançar nossa meta final – passando por Ibiranhém

13 O testemunho oral de Carlota foi obtido, em conversa, em agosto de 2021.

14 Veículo muito utilizado no Brasil, de 1957 a 2013, quando deixou de ser fabricado.

15 Essas viagens foram feitas por Carlota Ferreira e Tânia Pedrosa.

– viajamos mais sete horas numa estrada quase carroçável. O jipe que alugamos não era certamente o transporte mais usual da gente da localidade, que viajava geralmente de trem. (FERREIRA, 1994, p. 22)

A vila de Helvécia, no município de Mucuri, não era ponto do APFB, mas “foi descoberta” pelas duas inquiridoras, após os inquéritos em Ibiranhém, em fevereiro de 1961, que para lá se dirigiram movidas pelo interesse “de apurar se eram verídicas as informações verbais de que existiam ainda, naquela área, vestígios de um falar crioulo na boca de uma população quase toda de negros” (FERREIRA, 1986, p. 22)¹⁶.

Em algumas localidades, a ajuda de prefeitos ou de órgãos oficiais facilitou o acesso a pontos de inquérito, tornando o trabalho de pesquisa mais rápido e menos penoso, como ocorreu, por exemplo, em Juazeiro, como relembra Carlota. Nessa localidade, ela e Tânia tiveram não só o apoio do Prefeito, que liberou uma caminhonete para levá-las a Carnaíba do Sertão, como também o da Companhia Vale do São Francisco, que tinha sede na localidade e disponibilizou um pequeno avião CESNA para a realização das pesquisas em Pilão Arcado e Sento Sé.

O APFB, primeiro atlas linguístico realizado no Brasil, foi publicado em 1963.

Outros atlas estaduais e regionais

Com relação aos atlas brasileiros, elaborados e publicados entre 1963 e 1996 (ano em que se deu início ao Projeto ALiB), o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG) foi o único

16 Em 1988 e 1994, Helvécia foi revisitada por Dante Lucchesi e Alan Baxter, que confirmaram os dados anteriormente levantados e ampliaram a pesquisa com novos dados. Cf. <http://www.vertentes.ufba.br/a-comunidade-de-fala-de-helvecia-ba>. Acesso em: 15 ago. 2021.

elaborado somente por pesquisadores masculinos, os professores da Universidade Federal de Juiz de Fora, José Ribeiro, Mário Roberto Zágari, Antônio Gaio e José Passini, e publicado em 1977.

Os demais atlas estaduais publicados nessa época testemunham o interesse das pesquisadoras pela pesquisa dialetal. São eles:

- a) o *Atlas linguístico da Paraíba* (ALPb), publicado em 1984, de autoria de Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes;
- b) o *Atlas linguístico do Paraná* (ALPr), realizado pela então doutoranda Vanderci de Andrade Aguilera e publicado em 1994;
- c) o *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS), projeto idealizado por Carlota da Silveira Ferreira, em 1963, que contou com a participação de todo o grupo de Língua Portuguesa da UFBA, então constituído por Suzana Alice Cardoso, Vera Rollemberg, Judith Freitas¹⁷ e por mim, embora, naquela época, ainda não integrasse, de fato, o grupo¹⁸. Esse grupo se ampliou, em 1965, com o retorno à UFBA de Nelson Rossi e Nadja Andrade, que deixaram a Universidade de Brasília, após a destruição do projeto daquela universidade pelo regime implantado no País, em 1963. O ALS teve seus originais prontos em 1973, mas só veio a ser publicado em 1987, graças aos esforços de Carlota Ferreira.

Nessa época, iniciaram-se outros atlas, como o *Atlas linguístico e etnográfico da região sul do Brasil* (ALERS) — primeiro atlas regional que se estende pelos três estados da região sul — e o *Atlas linguístico do Ceará* (ALCE), que seriam publicados mais tarde.

17 Judith Freitas foi professora de Didática da Língua Portuguesa, disciplina que passou a ser ministrada, a partir de 1968, na Faculdade de Educação.

18 Só viria a ser contratada em 1965.

O Atlas Linguístico do Brasil

Encerrando o século XX, o protagonismo das mulheres na Dialetoologia brasileira destaca-se, em 1996, com a proposta de Suzana Alice Marcelino Cardoso, coautora do *Atlas Linguístico de Sergipe* e autora do *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005), do ousado projeto de realizar-se o Atlas Linguístico do Brasil, relativo à língua portuguesa, implementando, assim, um sonho que ela há muito acalentava e que foi também sonho de muitos dos que a precederam.

No *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, Suzana Alice Cardoso reuniu um grupo de dialetólogos, especialmente os autores de atlas publicados e de atlas ainda em andamento, apresentando-lhes o projeto de realização de um Atlas linguístico que refletisse a variação existente no português do Brasil.

Aprovado o projeto, saiu desse Seminário a decisão de realizar-se o Atlas Linguístico do Brasil, estruturando-se um Comitê Nacional para coordená-lo, formado de todos os autores de atlas até então publicados e de um representante dos atlas em andamento. O Comitê, sob sua presidência, seria constituído por mim, como Diretora Executiva; Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFC), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFOP) e Walter Koch (UFRGS), como Diretores Científicos, este último representando os atlas em andamento¹⁹.

Para dar curso às ações necessárias à elaboração do Projeto, o Comitê Nacional passou, desde então, a reunir-se periodicamente, realizando, já em 1997, as duas primeiras reuniões nacionais.

¹⁹ Walter Koch dirigia o *Atlas linguístico e etnográfico da região sul do Brasil*, que seria publicado em 2002, época em que passou a integrar o Comitê Nacional como autor de atlas publicado. Nessa época, Aparecida Negri Isquerdo ingressou como representante dos atlas em andamento.

A Dialetoлогия no séc. XXI

As pesquisas de campo para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB se iniciaram em 2001, com os inquéritos em Quirinópolis, Goiás, realizados por Vanderci Aguilera.

E, para a realização dos inquéritos em todo o país, distribuíram-se as 250 localidades que constituem a rede de pontos do Atlas por várias equipes, que ficaram sob a coordenação dos Diretores Científicos que constituíam o Comitê Nacional.

A equipe baiana, sob minha coordenação, ficou responsável pelos inquéritos em cinco estados: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Piauí. Posteriormente, com o falecimento de Mário Roberto Zágari, em 2010, nossa equipe também assumiu algumas cidades de Minas Gerais e do Espírito Santo.

Ao lado da pesquisa de campo, que se estendeu até 2013, realizaram-se o arquivamento e as cópias da documentação linguística, as transcrições dos registros e foram iniciadas as análises de dados.

Em 2012, tendo-se decidido que iniciaríamos a publicação pelos dados das 25 capitais brasileiras que constituem a rede de pontos do ALiB²⁰, prepararam-se os dois primeiros volumes — vol I, Introdução, e vol II, Cartas Linguísticas — que seriam publicados em 2014, pela EDUEL, com lançamento na Universidade Estadual de Londrina, durante o IV Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística (IV CIDS), congresso que nos homenageou — a Suzana e a mim — e no qual contei com a presença de muitos colegas e amigos, assim como de representantes da minha família, o que considero uma das recompensas que a Dialetoлогия me proporcionou.

20 Duas capitais (Brasília e Palmas) não foram incluídas por razões metodológicas, referentes às datas de criação.

O terceiro volume, que deveria seguir a publicação do volume 2, foi imediatamente programado, ficando cada pesquisador responsável pelos comentários e análises referentes às cartas linguísticas de sua autoria, publicadas no volume 2. Encarregamo-nos, Suzana e eu, de organizar esse conjunto de trabalhos, o que começamos a fazer, a partir da recepção dos primeiros textos, em abril de 2015, convidando a colega Vera Rollemberg²¹ para a revisão dos textos.

Mas, como diz um antigo provérbio que minha mãe gostava de repetir, referindo-se à impotência da humanidade diante de fatos que fogem ao seu controle: *O Homem põe e Deus dispõe*.

E nada aconteceu como programamos. Embora tenhamos conseguido reunir a maioria dos textos, contamos com a impossibilidade de alguns colegas no atendimento aos nossos prazos e fomos submetidas ao que Deus havia disposto como tempo de vida para nossas queridas colegas, Suzana e Vera²².

Os trabalhos para a publicação do volume 3 só seriam, sistematicamente, retomados em 2020, já no início do tempo pandêmico²³, outro fato inesperado que vem atingindo toda a humanidade. Contamos, então, com a força das pesquisadoras Josane Moreira de Oliveira e Silvana Soares Ribeiro, a primeira, assumindo a revisão dos textos, deixada inconclusa por Vera, a organização e a preparação da boneca²⁴ para entrega à Editora Universidade Estadual de Londrina (EDUEL); a segunda, auxiliando a finalização dos textos necessários à apresentação do projeto à Editora, o que, finalmente, vem a ocorrer em 27 de agosto passado.

Com o falecimento de Suzana Cardoso, em 2018, foi

21 Após sua aposentadoria, Vera Rollemberg dedicou-se à revisão de textos, atividade que exercia com esmero e muita perfeição.

22 Suzana Cardoso faleceu em maio de 2018 e Vera Rollemberg em abril de 2019.

23 Sobre a pandemia: O primeiro caso confirmado da COVID 19 no Brasil ocorreu em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo.

24 Boneca ou boneco, a depender da área linguística do falante.

necessário reformular o Comitê. Nessa ocasião, assumi o cargo de Presidente do Comitê Nacional do ALiB, passando a coordená-lo ao lado de alguns companheiros do Comitê anterior — Maria do Socorro Aragão (UFPB/UEC), Vanderci Aguilera (UEL), Aparecida Isquerdo (UFMS), Abdelhak Razky (UFPA/UnB) e Felício Margotti (UFSC) — e de um grupo de sete dialetólogos mais jovens, também constituído predominantemente por mulheres — Silvana Ribeiro e Marcela Paim (UFBA), Marilúcia Oliveira (UFPA), Conceição Ramos (UFMA), Regiane Pereira Reis (UFMS), Fabiane Altino (UEL) e Valter Romano (UFSC).

Durante o atual tempo de pandemia, ao lado do prosseguimento das análises dos dados com vistas à preparação e publicação dos volumes seguintes — o 4º e o 5º ainda destinados às capitais, o 6º e o 7º com dados das localidades interioranas —, a equipe ALiB/Bahia, como outras equipes, tem-se dedicado à divulgação das pesquisas dialetológicas em congressos ou outros eventos realizados *online*, como, por exemplo, no Congresso UFBA EM MOVIMENTO²⁵, organizado pela Universidade Federal da Bahia, em maio de 2020, na mesa-redonda “PROJETO ALiB – 20 anos pesquisando a fala dos brasileiros”, da qual participei juntamente com as colegas Vanderci Aguilera (UEL), Josane Oliveira (UEFS/UFBA), Silvana Ribeiro e Daniela Claro (ambas da UFBA). Apresentamos também, Silvana e eu, no XXXV Encontro Nacional da ANPOLL²⁶, em 2020, a comunicação “Desafios da cartografia de grandes áreas geográficas: a experiência do Projeto Atlas Linguístico do Brasil”; e, em 2021, no XIX Congresso Internacional da ALFAL, falamos das “Potencialidades da geossociolinguística brasileira: análise de dados do Projeto ALiB”. Participei, da série ABRALIN AO VIVO, apresentando “Grandes

25 Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=wnp6HwnTVTs>

26 Disponível em: <<https://anpoll.org.br/enanpoll2020/wpcontent/uploads/2020/12/Sociolingu%C3%ADstica-1.pdf>>

Projetos em Rede: NUrC, Gramática do Português falado e ALiB”, em 2021, juntamente com os colegas Dinah Callou (UFRJ) e Adolfo Elizaincín (Universidad de la República, Uruguay)²⁷.

Uma mesa-redonda que se ocupou também do papel das mulheres nas Ciências ocorreu no bojo da atividade de extensão “Café com Linguística”, organizada por Amanda Reis Silva, docente da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) e membro da equipe ALiB/Bahia, desde que ingressou na UFBA, como bolsista de Iniciação Científica.

Participei dessa mesa, em setembro de 2020, juntamente com as professoras Juliana Soledade (UFBA/UnB) e Suzy Lagazzi (UNICAMP), que teve como tema “Mulheres na Linguística: ciência e protagonismo”²⁸, e, na minha apresentação sobre “As mulheres na Dialectologia”, destaquei não só a reduzida presença das mulheres nas pesquisas dialetais realizadas fora do Brasil, até o século passado, mas também um procedimento metodológico que levava à preferência dos indivíduos de sexo masculino como pessoas a serem entrevistadas, considerando as mulheres pouco capazes de responder às questões que lhes eram feitas, como se lê, por exemplo, no *site* do *Atlas Lingüístico da Península Ibérica* (ALPI), a respeito dos inquéritos que se realizaram entre 1931 e 1936:

[...] E, em geral, recorreram a homens, porque era suposto dominarem melhor a terminologia agrícola do que as mulheres. De qualquer modo, deve assinalar-se que o ALPI teve bastante mais informantes femininas do que foi habitual nos atlas posteriores.²⁹

27 Disponível em: <<https://aovivo.abralin.org/lives/grandes-projetos-em-rede-3/>>

28 Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=x15CSEl43Yo&t=2609s>.

29 García Mouton, Pilar (coord.), Inés Fernández-Ordóñez, David Heap, Maria Pilar Perea, João Saramago, Xulio Sousa, 2016, ALPI-CSIC[www.ALPI.CSIC.ES], edição original de Navarro Tomás (dir.), *Atlas lingüístico de la Península Ibérica*, Madrid, CSIC. Disponível em: <http://alpi.csic.es/pt-pt/alpi/los-sujetos-de-encuesta>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Avaliando o percurso da dialetologia no Brasil, do ponto de vista do protagonismo feminino

A proposta de realização do Projeto Atlas Linguístico do Brasil referente à língua portuguesa, em fins do século passado, deu margem ao surgimento de uma nova fase na história da Dialetologia no Brasil, a quarta, como propusemos, Suzana e eu, em *Documentos 2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (cf. CARDOSO; MOTA, 2006).

Essa nova fase caracterizou-se pela adoção, pela primeira vez em atlas brasileiro, de uma metodologia pluridimensional, que não se limita aos parâmetros diatópicos, mas inclui as dimensões sociais, como a faixa etária, o sexo e a escolaridade dos informantes, proposta por Thun (1998).

Destaca-se essa fase, também, pelo crescimento do número de pesquisas dialetais e de elaboração de atlas linguísticos estaduais, como, por exemplo, o *Atlas linguístico sonoro do Pará – ALISPA* (RAZKY, 2004) e o *Atlas linguístico do Amapá* (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017); ou atlas de pequeno domínio, apresentados aos programas de pós-graduação como teses e dissertações, baseados na metodologia inovadora do ALiB, como se pode exemplificar com o *Atlas linguístico do município de Ponta Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*, dissertação de Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS), defendida em 2006, e a tese de Moisés Batista da Silva, defendida na UFCE, em 2012, intitulada *Atlas linguístico do Centro-Oeste Potiguar*.

Registra-se também a publicação de atlas que se encontravam em andamento, como o *Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS* (OLIVEIRA, 2007) e o *Atlas linguístico do Ceará – ALC* (BESSA, 2010)³⁰.

30 Uma relação desses atlas, até 2013, encontra-se em Romano (2013).

Do ponto de vista dos que se dedicam a esse ramo de estudos é reduzida a presença de pesquisadores do sexo masculino, continuando em destaque a quantidade e a liderança das pesquisadoras.

Para exemplificar, citamos o texto intitulado “Panorama dos atlas linguísticos de pequeno domínio no Brasil” (1987-2013), de autoria de Romano (2013). Na relação dos atlas elaborados no século XX, encontram-se 25 autoras e apenas três autores, fato que possivelmente se explica pela predominância, que ainda persiste, de mulheres em cursos de Letras.

Minha formação universitária e a escolha pela dialetologia

Para falar de minha escolha pela Dialetologia, devo voltar à minha formação em Letras Neolatinas, de 1958 a 1961, destacando a presença de Nelson Rossi na cadeira de Língua Portuguesa, professor imbuído da necessidade de aliar, na Universidade, o ensino à pesquisa, procedimento pouco usual naquele tempo. Foi ele o responsável pela constituição da equipe que, há mais de 50 anos, vem trabalhando na área da Dialetologia, na UFBA, sempre agregando novos membros e enfrentando novos desafios.

As informações sobre as pesquisas realizadas pelas estudantes das séries mais adiantadas e, em 1959, as apresentações assistidas, nas sessões do IV Congresso Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, expondo os resultados das pesquisas anteriormente feitas em quatro localidades do Estado da Bahia, foram importantes para despertar o desejo de estudar a variação linguística em nossa área.

O lançamento, em 1963, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, do *Atlas Prévio do Falares Baianos* foi outro fato

incentivador das pesquisas dialetais, não só na UFBA, mas também em outras universidades brasileiras.

Nesse mesmo ano, por convite de Nelson Rossi, passei a integrar o grupo de professoras de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da Bahia³¹ e comecei a participar das pesquisas dialetológicas em Sergipe.

Explica-se, assim, a opção por essa linha de estudos linguísticos, ocupando-me com uma disciplina da qual nunca havia ouvido falar.

Uma experiência nova: a pesquisa de campo (1963-1968)

O meu primeiro contato com a pesquisa de campo ocorreu, em 1963, por ocasião das sondagens preliminares para a elaboração do *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS). Para a realização das primeiras sondagens para o futuro *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987) fomos de ônibus para Estância, Sergipe, onde nos hospedamos em casa de familiares de Carlota, o que nos impediu de sofrer o impacto das condições precárias com que, algumas vezes, nos depararíamos na segunda viagem.

As cinco localidades selecionadas, nessa primeira viagem, eram próximas de Aracaju, de que distavam 19 km (Laranjeiras), 26 km (São Cristóvão, na região metropolitana), 39,9 km (Itaporanga d'Ajuda), 66 km (Estância) e 86 km (Santa Luzia do Itanhy, a povoação mais antiga de Sergipe) e para o acesso a cada uma delas utilizamos carro particular.

Fiquei responsável pelo inquérito em Laranjeiras, enquanto as colegas Carlota Ferreira, Judith Freitas, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg distribuíram-se pelas demais localidades.

A análise dos dados obtidos nesses quatro inquéritos

31 Apenas em 1968, pelo Decreto nº 62241, foi estruturada uma unidade exclusivamente dedicada aos Cursos de Letras, o Instituto de Letras.

permitiu-nos aperfeiçoar o questionário linguístico que seria aplicado, ainda em caráter de sondagem, em 1964, em mais 11 localidades para que se constituísse a rede de pontos do Atlas Linguístico de Sergipe. Posteriormente, em 1967/1968, foram realizados os inquéritos definitivos nas quinze localidades anteriormente pesquisadas.

Na pesquisa realizada em 1964, acompanhamos um grupo de estudantes da 4ª série do Curso de Letras, alunos de Carlota, que os tinha preparado para o trabalho de campo, como atividade final do curso. Era um grupo majoritariamente feminino, constituído por cinco alunas e um aluno: Ana Maria Viveiros, Maria Elisa Bacelar, Maria Theresa Figueiredo, Maria Vitória Oliveira, Vânia Silva e Roberto Joaquim Oliveira.

Nesses inquéritos, enfrentei, em companhia da estudante Maria Elisa Bacelar, as dificuldades de transporte e de alojamento, no interior do país. Fomos no ônibus que habitualmente fazia esse trajeto, levando no colo os gravadores de pilha com que registraríamos os inquéritos, uma vez que não havia energia elétrica em todas as localidades nem em todas as casas. Hospedamo-nos, em Ribeirópolis e em Divina Pastora, em residências particulares de famílias que costumavam receber os poucos hóspedes que, ocasionalmente, lá pernoitavam. Apesar das precárias condições dessas residências, especialmente quanto às instalações sanitárias, permanecemos dois dias, em cada uma das cidades, necessários para encontrar os “informantes ideais” e realizar os inquéritos. Felizmente, o acolhimento humano que nos dispensavam reduzia, em parte, o desconforto.

Esse tipo de acolhimento, registrei, por exemplo, em Ribeirópolis, na conversa com as duas pessoas que entrevistei naquela época: um senhor, que morava com a esposa, em uma casa afastada do centro, e uma senhora negra que se distinguia pela cor naquela localidade em que predominava a população branca,

descendente dos holandeses, que haviam invadido o Nordeste, no século XVII.

De Ribeirópolis fomos, de ônibus, para Simão Dias, onde encontramos um hotel, que, apesar de “desprovido de estrelas”, era menos precário do que as casas de famílias em que nos hospedamos nas outras duas cidades. Voltei a Ribeirópolis, em 1967, em companhia de Nelson Rossi e Nadja Andrade, oportunidade em que visitei o informante masculino, que se encontrava na mesma casa, embora já não o tenha submetido a inquérito.

Em Ribeirópolis, nessa segunda viagem, realizei também o que identificamos como “inquéritos paralelos”: três entrevistas mais no estilo laboviano, em que os entrevistados falavam livremente sobre as suas atividades, acrescentando as informações que quisessem.

Do material recolhido em Ribeirópolis retirei os dados para a minha tese de Professor Assistente, que versou sobre a palatalização em Ribeirópolis, analisando um dado linguístico que despertou a atenção dos inquiridores: a forte palatalização das consoantes oclusivas dentais [t, d, n] depois da semivogal [j], em sequências como [ˈveʝtʃud] (vem tudo), [bojdʃkah] (boi do carro) e [teʝnãu] (tem não).

Os inquéritos definitivos para o ALS se realizaram entre 1967 e 1968. Nessa época, voltei a Laranjeiras e a Divina Pastora para novos inquéritos e fiz inquéritos também em Itaporanga d’Ajuda, Brejo Grande e Propriá. Além disso, como já relatado, acompanhei outros inquiridores a Ribeirópolis, Simão Dias e Curralinho (povoado de Poço Redondo).

Deparei-me, novamente, com a precariedade das estradas e das acomodações nas localidades, em que, algumas vezes, precisamos espantar as moscas para que nos deixassem almoçar; usar mosquiteiros para nos defender, à noite, das muriçocas; proteger-

nos, com repelentes, dos potós³²; e utilizar os banheiros ao ar livre, nos quintais.

Acrescentou-se, nessa época, um novo problema: o aumento da repressão no país, que provocava o temor de algumas pessoas que, às vezes, nos confundiam com possíveis agentes do regime em vigor.

Ficou como uma das lembranças da fase de realização dos inquéritos em Sergipe a viagem até Currealinho, à margem do rio São Francisco, no jipe disponibilizado pela UFBA para deslocamento de pesquisadores. Fomos, Suzana e eu, na companhia de um bom motorista, atencioso e bastante conversador, para aquela localidade, ao norte de Sergipe.

Ao chegarmos, a beleza do rio à nossa frente nos encantou e nos animou para a realização dos inquéritos. Mas foi nessa localidade que tivemos de beber água de chuva, diretamente servida pela natureza e recebida nos recipientes que colocamos para captá-la, a fim de não aceitar a água barrenta do rio que nos era oferecida na hospedaria improvisada onde ficamos.

Não se dispunha, aí, de energia elétrica nem de instalações sanitárias. Mas foi possível realizar os inquéritos previstos para representarem a localidade no ALS.

Repetindo a experiência algumas décadas depois

Para a realização dos inquéritos do ALiB, enfrentei, a partir de 2003, os caminhos do Nordeste para a realização dos inquéritos.

Nessa época, decorridos de 35 a 48 anos depois das pesquisas para o ALS, ainda foram muitas as dificuldades para atingir as localidades brasileiras, como, por exemplo: estradas em péssimas

32 Cf. HOUAISS, A. *Dicionário Online de Português*. Bras. Inseto noctívago, cuja urina é cáustica. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=POT%C3%93>. Acesso em: 16 ago. 2021.

condições ou estradas perigosas, pela probabilidade de assaltos; ônibus que paravam, para aguardar um pneu de socorro, que ele não levava, ou para “esfriar o motor”; ataques de pernilongos; pousadas um pouco melhores do que aquelas do passado, mas, várias vezes, ainda incapazes de fornecer aos pesquisadores cansados um jantar ou uma noite de descanso reparador.

Alguns relatos dessas viagens por pesquisadores de todas as equipes que trabalharam na fase de constituição do *corpus* do ALiB estão em um volume da série *Documentos* (*Documentos 6 – Atlas linguístico do Brasil: História e memórias*), organizado pela equipe baiana e publicado em 2016 (cf. CARDOSO et al., 2016).

Realizei, para a composição da rede de pontos do ALiB, um total de 55 inquéritos, que se distribuíram pela Bahia — Salvador, Alagoinhas, Barreiras, Seabra, Itaberaba, Santana, Jequié, Vitória da Conquista, Itapetinga —, por Sergipe — Aracaju, Estância e Propriá —, por Alagoas — Maceió, União dos Palmares, Santana do Ipanema e Arapiraca — e por Pernambuco — Recife, Arcoverde e Garanhuns, a maioria, em viagens com Suzana Cardoso e com bolsistas de Iniciação Científica³³.

Como nas pesquisas anteriores, prevaleceu, nas equipes, o maior número de mulheres. E, inesperadamente, encontramos, em algumas áreas, grande desconfiança com relação às entrevistas (e/ou às entrevistadoras), que se manifestou através da interferência dos familiares das pessoas por nós selecionadas, em geral, maridos, que proibiam as companheiras de aceitarem o nosso convite para uma conversa, mas também filhos, em relação às mães, e, pelo menos uma vez, filhos em relação ao pai, que foi nos procurar, envergonhado, por não poder cumprir o que, no dia anterior, havia

33 Os bolsistas aí referidos são: Ana Paula Andrade Ferreira, Cláudia Santos de Jesus, Isamar Neiva de Santana, Lorena Nascimento de Souza, Mércia Silva Abreu, Nara Maria Pereira Carvalho, Viviane de Deus Deiró e, como único representante masculino, Rerisson Cavalcante de Araújo, hoje professor de Linguística, no Instituto de Letras da UFBA.

nos prometido.

Registrei também em Sergipe a exigência feita por um marido de permanecer ao lado da esposa, obrigada a ter uma Bíblia no colo, enquanto eu a interrogava sobre as diversas áreas de nosso questionário.

Avaliando o meu percurso

As dificuldades apontadas por Nascentes, em 1958, reduziram-se com o passar dos anos e a Dialetoologia continua aberta a todos os que se interessem pelo estudo da diversidade linguística, independentemente de sexo ou gênero. Como todos os caminhos, oferece dificuldades, mas também descobertas e alegrias aos que escolhem percorrê-lo.

As pesquisas põem o pesquisador em contato com realidades e pessoas muito diferentes e lhes revelam muito mais do que as numerosas variantes linguísticas existentes na língua. Mostram, durante o trabalho de campo, outras realidades, atitudes que nos surpreendem e enriquecem.

Exemplifica-se, aqui, um fato ocorrido conosco (Suzana, as bolsistas Cláudia Santos de Jesus e Isamar Neiva de Santana e eu), na volta de Arcoverde (PE), após haver realizado ali os inquéritos previstos. Voltávamos para Garanhuns (PE), em uma velha *Caravan*, com a lotação completa, dirigida por um motorista cujos colegas o apelidavam de *Tartaruga*, provavelmente por respeitar, demasiadamente, os limites do veículo, quando fomos surpreendidas por uma inesperada gentileza desse motorista.

O comentário sobre esse percurso de 90 km é feito por Suzana (In: CARDOSO et al., 2016):

A certa altura, e já pelo meio do percurso, o motorista para a sua, nossa, viatura em frente a um boteco. De novo me assusto: *Valha-me, Deus, irá tomar*

*uma pinga? Doce ilusão, e nesse caso, Graças a Deus: lá entrou o nosso atencioso motorista e ao retornar, entrou na Caravan, ligou o motor e, ato contínuo, virou-se para o banco de detrás, justo aquele em que estávamos, entregou um saco de pão [...] e uma garrafa de um litro e meio de Coca-Cola, com copos plásticos, dizendo solenemente: *Sirvam-se e vão passando para trás!* (CARDOSO et al., 2016, p. 89)*

O interesse pela pesquisa dialetológica alimentou-me também, a cada viagem, com o reviver de lembranças do passado, com o encontro de palavras utilizadas ou ouvidas na infância.

Não me reporto ao tempo em que “uns raros amarravam cachorro com linguiça” de que fala Drummond (1983)³⁴, na crônica “Antigamente”, mas de um tempo em que, em Salvador, andava-se de bonde ou de marinete, chupava-se queimado, comprado aos baleiros, as meninas corriam coxia, pulavam macaco ou amarelinha, brincavam de chicotinho queimado ou de cabra-cega, enquanto os meninos brincavam de gude, empinavam arraia ou periquito e podiam dar aú na areia das praias, obedecendo à divisão entre “brincadeira de menina e de menino”. As mulheres usavam verônicas escondidas na alça dos califons ou as colocavam nas camisolas de seus bebês para protegê-los e livrá-los de maus olhados.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

ALTENHOFEN, Cleo V.; KLASSMANN, Mário S. (Orgs.) **Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

ARAGÃO, Maria do Socorro de; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa. **Atlas linguístico**

³⁴ *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p. 1320-1321. Disponível em: <http://www.legal.adv.br/20071007/antigamente>. Acesso em: 28 ago. 2021.

da Paraíba. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BESSA, José Rogério Fontenele (Coord.). **Atlas linguístico do Estado do Ceará.** V. I Introdução; v. II – Cartogramas. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Edições UFC, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas Linguístico de Sergipe II.** Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas linguístico do Brasil.** 2 vols. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. (Orgs.), **Documentos 6:** Projeto Atlas linguístico do Brasil, histórias e memórias. Salvador: Quarteto, 2016.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología.** Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994 [1980].

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo. In: FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil.** 2ª. ed. Salvador: EDUFBA, 1994. p. 21-32.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas linguístico de Sergipe.** Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

MOTA, Jacyra Andrade. **Sobre o traço palatalidade em Ribeirópolis (Sergipe).** Tese para concurso de Professor Assistente, 1973. 196 p. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a dialetologia no Brasil. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.) **Documentos 2:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

NASCENTES, Antenor. **Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, Dercy G. de (Org.) **Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS.** Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas linguístico sonoro do Pará (ALiSPA 1.1).** Belém: s/ed. 2004 (Programa em CD-ROM).

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC; Fundação Casa de Ruy Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/361577643/Balanco-Critico-Da-Geolinguistica-Brasileira-e-A>. Acesso em: 28 ago. 2021.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos** – Introdução, Questionário comentado e Elenco das respostas transcritas. Ministério de Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1965.

SILVA NETO, Serafim. **Guia para estudos dialectológicos**. Manaus: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès international de linguistique e philologie romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367- 409.

